

# **Quando o antropólogo quer saber o que é ser professor, uma descrição tensa<sup>1</sup>**

Alexandre Barbosa Pereira

Doutorando em Antropologia Social pela USP

Pesquisador do Núcleo de Antropologia Urbana da USP

Bolsista FAPESP

alebp@usp.br

**Resumo:** Tornou-se famosa, particularmente em cursos de licenciatura para cientistas sociais, a entrevista de François Dubet, sociólogo francês com pesquisas direcionadas à juventude marginalizada na França, à Revista Brasileira de Educação, em que o próprio descreve sua experiência dando aulas na periferia de Bordeaux. Nela, Dubet expõe a dificuldade que teve em contrapor seus ideais de uma educação democrática com a realidade de uma classe muito pouco interessada em participar da aula e em reconhecê-lo como autoridade do saber. De certa maneira, o trabalho que pretendo apresentar estabelece muitas relações com o texto de Dubet. Pois parte dele reflete o momento em que estive em sala de aula como pesquisador, acompanhando as aulas ao lado dos alunos, e a outra parte diz respeito à experiência que tive como professor a fim de ampliar um pouco mais os horizontes de minha pesquisa e entender um pouco mais a particularidade da posição do professor. No caso de Dubet, a experiência docente acabou em um golpe de estado que consistiu na aplicação de regras mais rígidas de disciplina aos alunos, pelas quais se procurou ocupar o tempo deles constantemente. No meu caso, a experiência em sala de aula, apesar da dificuldade de uma observação participante concomitante à posição de professor, possibilitou-me outro olhar para a escola que me permitiu compreender um pouco melhor o papel do professor e sua distância dos alunos. Dessa maneira, reflete-se também sobre a contribuição que a antropologia e o método etnográfico podem proporcionar aos estudos da educação e das instituições de ensino, caminhando, assim, em direção a uma antropologia da educação.

**Palavras-chave:** Escola, Etnografia em Instituições, Juventude

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Professores reclamando constantemente dos alunos, afirmando o quanto os mesmos são relapsos, desinteressados, mal-educados, desrespeitosos, entre outros adjetivos. Estes são elementos que configuram parte do cotidiano de várias escolas, se encarados do ponto de vista da prática dos docentes. Muitas vezes, ouve-se um ou outro lamentar que não vê a hora de chegar o final de ano para se ter férias, pois sair o mais rápido da escola parece ser o objetivo da maioria deles. Talvez por isso quase sempre há falta de professores nas escolas públicas. Quando isso acontece, os colegas daquele que faltou apressam-se em adiantar suas aulas, ficando com duas salas ao mesmo tempo, sem efetivamente estar em nenhuma das duas classes. Dentro da sala de aula, aliás, a pouca ou nenhuma motivação de grande parte dos professores transparece ainda mais, com estes profissionais muito pouco preocupados em ensinar algo do conteúdo das disciplinas pelas quais são responsáveis. Este foi o cenário que encontrei e uma primeira avaliação que fiz em minha pesquisa de campo em escolas estaduais de bairros da periferia do município de São Paulo. Nesta, durante cerca de um ano e meio realizei visitas periódicas a estabelecimentos públicos de ensino para acompanhar principalmente o ensino médio do período noturno.

Pode-se afirmar que realizar pesquisa em uma escola pública em São Paulo não é tarefa das mais fáceis. Há sempre um clima de tensão no ar, seja entre os professores com relação aos alunos, seja entre os alunos com relação aos professores. No caso do antropólogo em campo, a tensão pode ser elevada ao quadrado, tendo em vista que as desconfianças sobre ele vêm destes dois principais segmentos do universo escolar: os professores e os alunos. Isto porque, numa situação de etnografia em ambiente escolar, a posição do antropólogo em campo torna-se ainda mais ambígua do que já é comumente. Pois ele é quase sempre visto como uma figura liminar, que passeia por dois mundos ou fica entre dois mundos, o seu e o do universo pesquisado, tão ao gosto do grande divisor que há muito organiza a reflexão antropológica: o “nós” e os “outros”<sup>2</sup>. Contudo, no caso de uma etnografia em escola, há um excesso de significados e de atribuição de papéis por parte dos sujeitos com quem o antropólogo se relaciona em campo. Além disso, há ainda, o problema adicional decorrente do fato da escola comportar diversos personagens com funções que os gestores dos estabelecimentos de ensino almejam bem definidas. Aliás, a rígida definição das regras e dos papéis sociais dos diversos atores é o que caracteriza instituições deste tipo, sob pena de punição disciplinar para aquele que não cumpre o que a instituição determina como comportamento socialmente aceito. O conjunto de papéis e valores da escola é destacado pelo sociólogo francês François Dubet (1998) como característica de instituições de formação

---

<sup>2</sup> Segundo Viveiros de Castro (2002: 307), a dicotomia “Nós” versus os “Outros” constitui “o núcleo de teorias do Grande Divisor que singularizam o Ocidente moderno frente às demais sociedades humanas”.

como a escola. Já a desorganização destes papéis e valores configura o que Dubet denominou como uma desinstitucionalização dos “modos de produção dos indivíduos”. Em outras palavras, para Dubet a formação dos indivíduos depende cada vez menos dos moldes impostos pelas instituições (igreja, família, escola etc.) e cada vez mais das experiências individuais dos atores sociais. Entretanto, apesar deste processo de desinstitucionalização de que fala Dubet, a escola tende, conforme pude observar, a querer, para não perder seu sentido, reforçar a função formadora da instituição e a definição dos papéis daqueles que dela fazem parte. No meio deste processo estava o antropólogo, que não tinha um papel definido nem pela instituição, nem pelos alunos, mas que atraía sobre si certa desconfiança dos dois segmentos.

Outro problema de uma pesquisa em escola é ter que respeitar as regras rígidas do estabelecimento. Ou seja, não se deve conversar em sala de aula. Regra esta que é ignorada por quase todos os alunos. Mas e o antropólogo, como fica nesta situação? Tenta seguir as regras para não atrapalhar o bom andamento das aulas, ou as ignora e começa a conversar com os alunos durante a explicação de um professor? O fato é que em uma escola é muito difícil de estabelecer relações se você não faz parte dela com um papel pré-definido, se você não é nem professor, nem aluno - mais ainda se você não é aluno. Um estudante pode muito bem desobedecer à regra de não se conversar durante as aulas, pois as conseqüências, no atual contexto, seriam, dependendo da situação, mínimas, ou mesmo nenhuma. Já um antropólogo em uma escola tem que respeitar as normas estabelecidas pela instituição. Afinal, ele é alguém autorizado pela direção e por parte dos professores para participar das aulas e fazer observações para a sua pesquisa acadêmica.

Além dos problemas com os professores, sentia-me sempre constrangido na escola e com poucas possibilidades de realizar a pesquisa, tendo em vista que os alunos tinham suas relações de sociabilidade constituídas e, de uma maneira geral, excluía-me dela ou incluía-me parcialmente. Eu era apenas uma referência mais velha na sala de aula, alguém que despertava a curiosidade em alguns momentos ou era alvo de brincadeiras em outros. Algumas vezes um ou outro aluno propunha-se a conversar comigo no curto espaço de tempo entre uma aula e outra ou no intervalo para o recreio. Na verdade, eu conseguia conversar muito pouco com eles nesse último momento, período em que estão mais preocupados com assuntos mais importantes como namorar, jogar bola, “trocar idéias” com os amigos ou comprar um lanche na cantina. Havia um componente geracional que me afastava dos estudantes. De certa forma, eu, ali naquela situação, não fazia parte das redes de sociabilidade deles, e eles não tinham muita pretensão de incluir-me nelas de forma mais efetiva. A diferença de idade de pouco mais de dez anos era um fator importante, mas não o crucial para

esta distância. O que efetivamente me distanciava daqueles jovens, fato que eu confirmaria em outro momento, era o papel que me era atribuído pelos alunos: o de estagiário de professor, de um quase professor ou mesmo de professor, modo, aliás, como muitos deles me chamavam. Apesar de estar com eles em sala de aula, eu efetivamente não compartilhava das mesmas regras que as deles. Primeiro porque não podia conversar efetivamente com eles durante o período das aulas. Segundo porque eu não era alguém com quem conversar sobre questões cotidianas, mas apenas alguém para se perguntar sobre determinada faculdade, para solicitar ajuda na realização de um trabalho, ou mesmo para pedir “cola” na hora da prova. Havia, nesta relação, uma barreira difícil de ser transposta, que era geracional, mas que também, ao mesmo tempo, dizia algo sobre o papel atribuído por eles a mim: o de professor ou de aprendiz de professor.

Outra particularidade interessante da pesquisa nas escolas foi a constatação de que o que eu buscava observar - a apropriação da escola pelos jovens, o estabelecimento das redes de sociabilidade e mesmo a transformação da instituição de ensino a partir das práticas juvenis - era visto pelo corpo docente e direção como indisciplina ou como bagunça. Ou seja, o que eu via como positivo, pelo menos em relação ao que eu queria captar para a minha pesquisa, os professores viam como extremamente negativo, como algo que deveria ser extirpado da escola. Tal fato fez com que eu, embora não conseguira entrar efetivamente na rede de sociabilidade dos estudantes, tenha me posicionado mais próximo dos alunos e sido mais simpático aos seus interesses e posturas. Pois, além de estar ali para observá-los, era do lado deles, os alunos, que eu passava as quase quatro horas que ficava sentado acompanhando as aulas. Esta maior proximidade física e social com os alunos levou-me a encarar de modo extremamente crítico a atitude dos professores e da direção escolar em uma instituição que buscava sua legitimidade e autoridade no controle e na punição e não na transmissão do saber, como eu esperava que fosse.

Entretanto, no momento que obtive o convite para atuar como professor em uma instituição de ensino privada e pude aproximar-me mais da posição e dos dilemas do professor em sua prática de trabalho cotidiana, minhas percepções transformaram-se em certa medida. Esta experiência proporcionou-me um maior contato com outra experiência: a do sociólogo François Dubet, descrita em entrevista concedida às pesquisadoras Angelina Peralva e Marília Sposito, publicada na Revista Brasileira de Educação de 1997. De certo modo, o próprio aceite ao convite de ministrar aulas como professor por um determinado período teve uma inspiração nesta entrevista, que eu já conhecia previamente. Assim como Dubet, senti a necessidade de vivenciar um pouco do cotidiano docente em uma escola de ensino básico como modo de entender um pouco mais a complexidade desta atuação

profissional. Em sua entrevista Dubet conta que resolveu arriscar-se na tarefa de dar aulas em uma escola da periferia de Bordeaux por causa de seu trabalho prévio de pesquisa com professores das escolas secundárias. Dubet queria observar se os lamentos exagerados dos professores com relação aos alunos tinham algum fundamento. Ao resolver experimentar o que é ser professor em um colégio da periferia, o sociólogo François Dubet, professor da Universidade de Bourdeaux II, descobre que as descrições sobre as agruras da relação pedagógica que os professores lhe davam não eram tão exageradas quanto ele pensava.

A minha primeira surpresa, e que é fundamental, corresponde ao que os professores dizem nas suas entrevistas. Os alunos não estão “naturalmente” dispostos a fazer o papel de aluno. Dito de outra forma, para começar, a situação escolar é definida pelos alunos como uma situação, não de hostilidade, mas de resistência ao professor. Isto significa que eles não escutam e nem trabalham espontaneamente, eles se aborrecem ou fazem outra coisa. Lá, na primeira aula, os alunos me testaram, eles queriam saber o que eu valia. Começaram então a conversar, a rir (...) (DUBET, 1997: 223).

Dubet, imbuído de seus ideais de uma educação democrática e de sua experiência acadêmica da autoridade e admiração exercida pelo professor baseadas no saber, vê seus pressupostos fracassarem. E, diante da impossibilidade de conseguir efetivamente fazer com que os alunos prestassem atenção no que ele queria ensinar, decide, então, realizar o que ele denominou como um “golpe de estado”.

Depois de dois meses, eu estava um pouco desesperado: eu não conseguia nunca dar a aula. E então um dia, fiz um “golpe de estado” na sala. Disse aos alunos: de hoje em diante não quero mais ouvir ninguém falar, não quero mais ouvir ninguém rir, não quero mais agitação. Aliás, não era bagunça, era agitação. Eu disse: vocês vão colocar as suas cadernetas de correspondência, a caderneta em que se colocam as punições, no canto da mesa, e o primeiro que falar, eu escrevo a seus pais, e ele terá duas horas de castigo. E durante uma semana foi o terror, eu puni. De fato, facilitou a minha vida e tenho a impressão de que esta “crise” deu aos alunos um sentimento de segurança, já que eles sabiam que havia regras, eles sabiam que nem tudo era permitido. Depois, as relações se tornaram bastante boas com os alunos e bastante afetuosas (DUBET, 1997: 224).

Do mesmo modo como Dubet, minha percepção negativa sobre os professores mudou profundamente quando tive a oportunidade de ocupar efetivamente a posição docente. Eu, entretanto, não fui a uma escola da periferia atuar como professor, mas a uma escola

particular de ensino médio e fundamental em um bairro classe média da cidade. No início da pesquisa, junto aos alunos nas escolas, na periferia, adquiri uma visão muito crítica com relação à prática de muitos docentes. Pois, havia uma situação ao mesmo tempo caótica e tensa. Do lado dos professores, pouca disposição para ensinar e muito preconceito com relação aos alunos, que eram vistos como marginais, além do despreparo e de um intenso pessimismo que pairava na sala dos professores. Já do lado dos alunos, havia muito pouco interesse nas aulas e na escola e muita dedicação às relações de sociabilidade, aos namoros e às brincadeiras. Neste quadro, tinha-se um pouco espaço para as aulas efetivamente, que eu considerava, até então, como consequência do pouco preparo e empenho de grande parte dos professores para com a prática de sua profissão. Cheguei, inclusive, a presenciar muitos casos de conflitos entre alunos e professores. Logo no início da pesquisa em uma escola, uma professora chegou a dizer-me: “bem-vindo à selva”.

Contudo, ao estar efetivamente no papel de professor, percebi que a situação era bem mais complicada do que eu imaginava. Os alunos não estavam muito preocupados com o que eu tinha a dizer-lhes ou com o empenho que tive para preparar as aulas. Na verdade, conforme também apontou Dubet, os estudantes da educação básica estão muito mais preocupados com as questões próprias deles, de sua geração e de sua idade, os namoros, as baladas, as brincadeiras, os jogos, as novas tecnologias de informação e comunicação etc. do que com dedicar-se aos estudos. Desde o primeiro momento que aceitei o convite para exercer a tarefa de professor, decidi adotar uma postura mais aberta ao diálogo com os alunos – não queria agir do modo autoritário como tinha observado na maneira de atuar de alguns professores. Porém, percebi que há uma escassa abertura, entre os alunos, para o diálogo com o professor. Durante minha curta experiência docente, os estudantes sempre tentavam arrumar um jeito de burlar as regras, de não prestar atenção à aula, de abdicar dos estudos e de não realizar as tarefas solicitadas pelo professor. Por outro lado, eles sempre procuravam um tempo ou uma folga do professor para se divertir entre si ou com jogos e brincadeiras, ou ainda para ficar zombando dos outros colegas ou do próprio professor. Aliás, nesta relação entre alunos e escola, percebe-se claramente uma disputa entre a jocosidade e a ludicidade dos primeiros contra a seriedade da aplicação das normas da última, representada principalmente pelo corpo docente. Além disso, esta experiência como professor revelou-me a dificuldade da profissão e o modo como o trabalho intelectual é feito como um trabalho em série, nestas escolas o professor parece um intelectual/operário repetindo e aplicando um mesmo conteúdo em série, além de dar aulas para alunos que, em sua maioria, não querem muito saber o que ele tem a dizer.

Na entrevista em que conta sua experiência docente, Dubet descarta a observação participante como método nestes casos, pois, segundo ele, as demandas do trabalho de professor impunham-se às do trabalho de pesquisador.

Logo, me dei conta de que a “observação participante” era um absurdo. Durante duas semanas, tentei ficar observando, isto é, ver a mim mesmo dando aula. Mas após duas semanas, estava completamente envolvido com o meu papel e eu não era de maneira alguma um sociólogo, embora tivesse me esforçado para manter um diário de umas cinquenta páginas no qual redigi minhas impressões. Entretanto, não acredito que se possa fazer pesquisa se colocando no lugar dos atores; eu acho que é um sentimentalismo sociológico que não é sério ou que supõe muitas outras qualidades diferentes da minha (DUBET, 1997: 223).

Concordo com a afirmação de Dubet sobre as dificuldades de se realizar “observação participante” em uma escola ao mesmo tempo em que se é professor. As obrigações do trabalho docente são tantas e o cansaço, após uma jornada de aulas, tão intenso que se torna quase impossível se preocupar com uma anotação de campo de alguma observação mais efetiva sobre a dinâmica escolar. Principalmente para um professor iniciante, as preocupações com a elaboração de uma boa aula ou com estratégias para atrair a atenção dos alunos acabam sobrepondo-se às necessidades da pesquisa de anotar e descrever as ações do cotidiano escolar, conforme o modelo etnográfico clássico.

Consegui anotar muito pouca coisa no período que atuei dando aulas, porém, ao contrário do que afirma Dubet, ocupar a posição de professor deu-me novas perspectivas que iluminaram o prosseguimento de minha pesquisa junto aos alunos nas escolas. Pois, se talvez realmente não seja possível fazer pesquisa ocupando a posição dos atores sociais, para um antropólogo conseguir apreender outros pontos de vistas que não o seu, ou mesmo poder situar-se em outros lugares que não os convencionais, ajuda muito na elaboração de uma pesquisa sobre estes atores - ou com estes atores. No meu caso, muito mais do que a descrição dos atores sociais em campo, a minha experiência pessoal em uma instituição escolar revelou-me aspectos importantes para entender melhor a dinâmica das relações dentro de uma escola e também contribui para que eu percebesse as múltiplas visões que estão em disputa nas relações cotidianas neste contexto. Da mesma forma, compreendi melhor o modo como se deu a minha inserção em campo, nas escolas, como pesquisador e as desconfianças dos principais segmentos do universo escolar, professores e alunos, com relação a mim.

A antropologia, segundo Clifford Geertz (2003:234) *possibilita a transformação daquilo que parece ser apenas uma coleção de material heterogêneo em uma rede de entendimentos sociais que se reforçam mutuamente*. Dessa maneira, o que busquei foi

articular a perspectiva mais próxima com a mais distante dos atores sociais, conforme enuncia Geertz ao discutir os conceitos de experiência-próxima e experiência-distante. Pois o etnógrafo em campo, por não ocupar um papel definido, pode colocar-se próximo de diversas posições e papéis sociais. Em outras palavras, por não ocupar um lugar definido, o etnógrafo, ou o antropólogo, pode transitar por diferentes lugares e apreender diferentes posições sociais. Uma pesquisa etnográfica deve, portanto, tentar situar-se nestas múltiplas posições. Ao invés de situar-se em torno de um e apenas um ponto de vista, é preciso buscar uma etnografia multilocalizada, como expõe George Marcus (1995), não apenas nos espaços, mas também entre os vários atores sociais que ocupam um mesmo espaço. Assim, pela etnografia dentro da escola é possível levantar questões da realidade cotidiana e obter a experiência-próxima de que fala Geertz (2003). Já pela articulação das observações das relações na escola com questões mais amplas da realidade educacional e social talvez seja possível aproximar-se do outro conceito enunciado por este autor: o da experiência-distante.

Assim, se quando próximo dos alunos fui solidário a eles por terem que suportar uma escola precária que dialoga muito pouco com sua realidade e que quase não lhe prepara para as suas pretensões de ascensão social. Ao situar-me próximo do ponto de vista dos professores, pude perceber a precariedade das condições de sua profissão e o descompasso da sua prática com a realidade dos alunos. Claro que não me transformei em aluno e embora tenha dado aula por dois meses, transformei-me apenas parcialmente em professor, pois não agüentei a pressão de dar aulas e fazer minha pesquisa ao mesmo tempo. Porém, houve possibilidades de, em diferentes momentos, estar mais próximo dos dois principais atores sociais do cenário escolar. Retomando a questão das condições de trabalho do professor, percebi uma precariedade e uma fragilidade da condição da prática docente. Há - além das condições de trabalho em si: baixos salários, grande carga horário de trabalho, pouco preparo e quase nenhum amparo do Estado - uma grande dificuldade do professor, e eu a senti na prática, em lidar com o aluno atual, ou com a diversidade de alunos da escola contemporânea. Há, tanto nas escolas públicas, quanto nas privadas, um medo de encarar os alunos. O que, conforme o próprio Dubet indica, não necessariamente tem relação com a denominada violência na escola tão propalada pela mídia.

O que mais me chamou a atenção, foi o clima de receio para com os alunos na sala dos professores. Isto quer dizer que alguns professores tinham medo de entrar na sala. Não era um colégio violento. Não havia agressões, não havia insultos mas era obviamente uma provocação; como fazê-los trabalhar, como fazer com que ouçam, como fazer

com que não façam barulho? Esta é a dificuldade, não é a violência (DUBET, 1997: 224).

Nas escolas observei diversos momentos de grande tensão entre os professores. Um destes momentos passou-se na escola privada em que dei aulas. Ao entrar na sala dos professores, no intervalo, presencio a seguinte cena: uma professora chorava por causa dos alunos, que não ficaram quietos durante uma atividade de seminário e começaram a gritar, a imitar sons de animais, além de terem jogado um livro na frente da sala. A professora se retirou da sala, recusando-se a continuar a aula e a coordenadora foi dar uma reprimenda nos alunos. Logo depois entra mais um professor na sala dizendo que não agüenta mais seus alunos, que mudará de escola no outro ano, que os alunos do 9º ano são, afirmou pedindo desculpa pela expressão: “muito nojentos”. Todos os outros professores que entraram na sala foram solidários à professora e disseram que ela não deveria ficar daquele jeito. Em outra ocasião, na sala dos professores de uma escola estadual de um bairro da periferia de São Paulo, um professor passa mal depois de uma discussão com uma aluna em sala de aula. Segundo relatos de colegas, tudo ocorreu porque uma aluna foi desrespeitosa quando ele pediu para que a mesma desligasse e guardasse um aparelho de MP3 que ela ouvia em sala de aula. O professor ficou um tempo sentado com os olhos fechados, medindo sua pulsação, estava tendo uma crise de pressão alta. Uma professora insistia para que ele fosse de carro com o coordenador pedagógico para um hospital, mas o professor disse que não queria ir ao hospital não, que precisava, na verdade, era sair daquele lugar, que, segundo ele, fazia-lhe mal: “este ambiente de escola faz mal”, afirmou.

As situações de tensão de professores que acompanhei foram muitas. A sala dos professores constitui-se o lugar por excelência onde o professor expressa suas tensões, suas mágoas e raivas. Por isso, torna-se difícil passar um dia neste recinto sem ouvir lamentações sobre sua condição de trabalho ou reclamações sobre este ou aquele aluno. Contudo, esta percepção sobre as agruras da profissão docente só me foi possível por causa da curta experiência que tive como professor. A partir daí, passei a equilibrar um pouco mais o ponto de vista que eu tinha dos atores sociais. Olhando menos por sobre o ombro dos alunos e observando mais o contexto geral de todos os atores do cenário escolar, buscando colocá-los num mesmo plano, sem considerar um ponto de vista como o mais correto ou como aquele que proporcionará uma melhor apreensão da dinâmica social.

Neste sentido, a experiência como professor, aqui exposta, configura uma descrição não apenas densa, no sentido colocado por Geertz (1989), de descrever e interpretar, mas também uma descrição tensa, porque me proporcionou mais do que uma interpretação, mas

uma reflexão sobre minha inserção em campo. Esta experiência tensa ajudou-me a pensar outras relações e questões de minha pesquisa nas escolas. A partir desta, pude compreender melhor como se processa a distância entre docentes e discentes. Pois os alunos, preocupados com suas questões próprias e com suas redes de sociabilidade juvenil, não têm, de uma maneira geral, o interesse de incluir os professores como possíveis parceiros. Por outro lado, os professores sentem-se cada vez mais desorientados, sem saber como lidar com essa geração de alunos. Porém, mais do que entender as relações entre estes dois atores sociais, eu pude compreender a minha própria presença na escola como pesquisador. Percebi que a reserva que os alunos tinham com relação a mim relacionava-se não somente à distância geracional, mas também ao papel que me era atribuído por eles: de professor ou de aprendiz de professor. Do mesmo modo, compreendi que os professores encaravam-me com desconfiança, porque, para eles, eu seria apenas mais um pesquisador ou estagiário a criticar seu trabalho, sem entender efetivamente suas questões.

### Referências Bibliográficas

- DUBET, François. “A formação dos indivíduos: a Desinstitucionalização”. *Revista Contemporaneidade e Educação*, ano 3, v.3, pp. 27-33, 1998.
- \_\_\_\_\_. “Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet” – Entrevista concedida a Angelina Peralva e Marília Sposito. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5 e 6, ANPED, pp. 222-232, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MARCUS, George. "Ethnography In/Of the World System: the Emergence of Multi-Sited Ethnography". *Annual Review of Anthropology*, Vol. 24, pp. 95-117, 1995.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O conceito de sociedade em antropologia”. In: *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.